



# O Valoroso Lucideno e Triunfo da Liberdade

FR. MANOEL CALADO

Trata-se da restauração de Pernambuco, e da expulsão dos holandeses do Estado do Brasil, debaixo do título e aclamação seguinte.

## ACLAMAÇÃO

Morram as tiranias, e viva a liberdade!

## LIVRO PRIMEIRO

A LIBERDADE restaurada canto,  
Obrada por a espada Portuguesa  
Guilada pelo luz do Pôlo Santo,  
(Igreja obra, mas céleste empreza)  
Canto um João, que é terror, e espanto  
Do Belga, e quebrantou sua bravura  
E de seus enquadões em tempo breve  
Muitas triunfos, e vitórias teve.

Não me asombrou de Circe, e Medéa  
Transformações de seu fúndido encanto,  
Nem de Henrique invejo a fértil veia.  
Nem Sirena me causam grande espanto;  
Porque quem canta ao certo, não recita  
E quem pura verdade estima tanto  
Bem pode escrever glórias, e malas peças.  
Temo a intacta Virgem por Mezenas.

Primeiro faltaria água no Nilo,  
De que falté o castigo ao holandês,  
Pois com crueis tormentos de Ferlin,  
Tanto tiranizou ao Português;  
O qual temido no Céu assegura asilo  
Do Brasil e destrera, em que lhe per-  
Pendo frelo a suas brios com a espada.  
Por não de Lucideno merecida.

Succesanta donzela, que escolhida  
Festos do Pádrão Eterno, e soberano  
Para instrumento ser da eterna vida:  
Mataria da morte o povo humano;  
Sintia-se de vos favorecida  
Esta facção do bravio Lusitano,  
La onde o Sol levanta o curro ardente  
Até as remotas partas do Ocidente.

Vós que de humana carne a Deus vestiastes  
Em voso ventre sacro limpo, e puro,  
E com vossa humildade descolhastes  
Caminho para o céu certo, e seguro;  
Vós que da glória a porta nos abriastes,  
E sois da santa Igreja tóre, e muro  
Tinta e pena me dal Virgem sagrada  
Para escrever de Olinda liberdade.

Som que encarreguei em náu a consciência,  
Relatavai aqui verdades puras,  
Porque aprendi por larga experiência  
A não julgar juíza por conjecturas:  
Arme-se o traidor de paixões,  
E espere o bom de ouvir suas venturas,  
Que não hei de abater peitos honturosos,  
Nem sublimar covardes, e medrocos.

Platano junto aos rios de água clara,  
Oliveira nos campos produzida,  
Escada de Jacob, de Moisés vata.  
Tóre de escudos, e armas fornecida:  
De cada palma, de firmeza rara,  
Terra que o pão nos deu da eterna vida,  
Reia de Jericó, cheirosa e beira.

Do segundo dia traz, madre e filha,  
Do mês canto meu melhor ventura,  
Do que a mim os vós Muses tem dado,  
Pois quando seu favor os assegura,  
O célebre Triunfo os tem trazido:  
A vós bendita Virgem Santa, e para  
Este meu canto tanto consagrado,  
Alumai-me Estrela de Balio

Para que cante o que é justo, e razão.  
Aíl nesse canto meu melhor ventura,  
Do que a mim os vós Muses tem dado,  
Pois quando seu favor os assegura,  
O célebre Triunfo os tem trazido:  
A vós bendita Virgem Santa, e para  
Este meu canto tanto consagrado,  
Alumai-me Estrela de Balio

Para que cante o que é justo, e razão.

A hora é votos (Vira de Jesus)  
E da engrávida flor, que produzente,  
Abri-me as portas, arca de Noé.

Pois a todos dos céus a porta abriastes;

Se a mā vir que me deus (teatro da fe)

Consolação daisel aos olhos tristes

Dos pobres Orlindanos moradores,

E cantando dais vossos louvores.

Este humilde escritor a vós se chega

(Virgem sagrada) de cabeça pobre:

Portas que o bon abrira se apaga

(Diz o refrão que bon combina o sobre;

O tóco, e vil, que em vos serviu se emprega,

Fica estimado, deuto, rito e sobre,

Portanto (muito donzela) com razão

Vos temo por quechela de Sânsio.

A vós em meus armados humro e veneno,

(Segundo por tão larga extensão,

o rito todos notado) porque esprito

Como de mā de Deus correspondência;

Das fantásticas Musas eu não entera

Favor: porque não temo que encia

Quando vejo invocar o infame Jove.

Ou do fúndido Apolo as urmias novas.

Vés sede (Virgem em pura) a que devéis

Dos poetas etílicos ser invocada,

Pois aseusas de Deus quanta queréis,

E não há ai para vós porta fechada;

Em vosso seio a todos recolhais.

E a todos para o céu servis de escada,

E assim (seguido a modo que se usa)

Vos escolho por minha amada Musa.

Vamos tirando a lúr éss Sileno

De Alcibiades mā, mā de amada:

Padre do Valente Lucideno

Com seu brac, e valor invocada:

Só no monte erguido, e vale ameno

O vigor de seu braco, e sua espada:

E vos ingratos falsos traidores

Aprendei a fazer coisas maiores.

Cantando pois (oh Musa) os bens que achel

No arrasido d'escuro desta guerra.

Tu farás o compasso, eu cantarás

Maravilhas do céu feitas na terra.

Tu serás o Piloto, e eu serás

A mā, que da mentira se destrára,

Tu leváras o leme, e a bandeira,

E eu navegaré desta maneira.

## Nassau contrabandista de negros

Fr. MANOEL CALADO

Vendo Gaspar Dias Ferreira, que os negros se vendiam em Pernambuco por tão alto preço, e que também havia grande falta de vicio e que nestas duas espécies se podia tirar excessivas ganância, e prazer; persuadiu no Conde de Nassau a que ambos fizessem uma contrabanda, e mandasse um navio no Cale Verde, ou a Ilha da Madeira, com coxa de dinheiro, e alguma aduana, e pão de Bussol, e tabaco, a carregar ou os negros, ou de vinhos, e que o dia de ordem para que na torre visagim viessem a tomar qualquer parte da Capitania de Pernambuco, como sua fóce, e o de Recife, e que dali fizesse desembarcar qualquer fazenda que trouxessem, e a meteria a terra dentro, e a venderia sem ser sentido com a favor, e a sombra do dito Conde, e que assim gravariam a mās invades grande soma de dinheiro; e que para que nos portos de Portugal lhe dessem carta para a mā, de buscar piloto, e marinheiros Portugueses, para que se estivessem que a mā ia da Bahia, e abo de Pernambuco; e como esta matéria de interesse atropela com todas as impasíveis, pareceu-lhe bem ao Conde João Maurício o apontado, e logo dei ordem para que Gaspar Dias comprasse aos do Supremo Conselho uma grande mā, que estava demarcada no porto de Rio de Janeiro se lhe dar querela; e a calafetaram em breves dias, e a puseram a vela, e como no Recife andavam muitos pilotos, e marinheiros Portugueses requerido no seu embarcadero, que os Holandeses lhe haviam tomado depois do tempo das trégua, e andavam oprimidos da necessidade,

sem lhe falearam a effeito; foi-lhe fáci o achas gente do mar para a viagem, e concertou-se Gaspar Dias com Antônio Machado para piloto, e com outros marinheiros Portugueses para irem na mā debaixo da estratagema de dizerem que iam a Setúbal a carregar de sal para levarem a Holanda, para que os do Supremo Conselho não alcançassem o intento de Gaspar Dias Ferreira na viagem da mā, e enquanto em não partiu fez o Príncipe João Maurício muita favor ao piloto Antônio Machado e o convidou algumas vezes a sua mesa, e lhe prometeu largas moedas, porém o piloto Antônio Machado entrou a alguns Portugueses seus amigos que não fazia aquela viagem por sua vontade, sendo fargado, e por não cair em desgraça de Gaspar Dias, e o Conde, por quem que lhe levava determinação de ir a meter a mā no porto de Lisboa, e enterrá-la a El-Rei ou se tornasse outro qualquer porto da coroa de Portugal, havia de declarar a estralagem a os Governadores daqueles portos; os Portugueses seus amigos lhe guardaram segredo, e lhe passaram certidão de que lhe tinham ouvidos.

E porque dois marinheiros Portugueses se de xaram dizer, que tanto

que se visssem no mar, haviam de levar a mā para Lisboa ou entreigá-la aos ministros d'El-Rei por perdão,

e de conturbando, não faltou quem o contou a Gaspar Dias Ferreira, e qual o fez logo meter na cedela

onde os não deixaram falar com pessoa viva, e determinou de os fazer enfocar, o que não teve efeito, por

que temeu que os dois marinheiros da



Maurício de Nassau, num retrato idealizado por Wast Rodrigues para o livro em que Paulo Setúbal fixou a figura do príncipe holandês

clarassei a causa, porque os enfocavam, e visssem os do Supremo Conselho a conhecer a trama que Gaspar Dias tinha ordenado, e assim Gaspar Dias os fez tirar da cedela de nots, e os meteram em uma embarcação e saíram por a barra farta, e fizeram mal a sombra botada deles. Enfim a mā partiu do Recife, e pilotou o marinheiro Português no dia de Nassau, pediu ao Conde de Nassau que lhe metesse na mā os soldados, Flamengos, e deus bandidos; e assim se fez como Gaspar Dias, e também fizeram na sota-piloto Flamengo, para que sucedesse.

Partiu a mā carregada de escravos, e com direitura no Cabo Verde, andou o piloto Antônio Machado descoverta no Governo, e o embuste, e marinheiros e tinha confusão a mā, porque o Capitão e o metteu das sobrinhos e cunhado de Gaspar Dias alguma traição, pediu ao Conde de Nassau para fazer torna viagem em direitura para a Bahia, e juntamente deram as testemunhas que semelhantes ocasiões costumava ser mais crédito a lugar que fizera isto reservado para o Juiz do prado de varão, e deram fiança de seis mil cruzados, de que fariam viagem para a Bahia, e assim se lhe largou a mā, e se lhe deu causa, porém o piloto Antônio Machado não quis ficar nela.

Vele a mā carregada de escravos, e passou a vista do Recife com a bandeira de certo sinal, que lhe davam dado e tingido sur mā de Portugal, que a d'água visava para Bahia, andou todo um dia em terra, e outra volta, nā que da terra lhe foi um bateu de pressar com ação de Gaspar Dias, que passou o Canal de S. Agostinho, e fôsse a entrar no Rio Camarajibe, junto ao porto de Recife, o que assim se fez; parecia de Recife com os óculos de longe se conhecera claramente ser a mā que Gaspar Dias havia comprado, e qual lhe mandou pessoa de sua fachada, para que fizessem desembarcar em terra tudo o que na mā vesse, e o pusessem em lugares secretos com muita brevidade, e tirada fôs as escravas e vidas, e mais petrechos de mā que desembarcaram para o Rio de Janeiro, e a metessem no fundo; tudo isto se fez com grande diligência, porém não se pôde fazer com tanto esprito, que o mā viessem a sair os do Supremo Conselho e se não emderam logo com Gaspar Dias Ferreira I, por respeito do Conde de Nassau o qual sabiam que era a pessoa mais interessada na mā, e guardaram a cosa para quando o Conde se fosse de Pernambuco. Em resolução a mā deu deixa de escravaria em terra, e em lotes se foi repartindo por mercantil frequentes, e vendendo por excessivos preços; e Gaspar Dias Ferreira, com cartas escritas em nome do Conde João Maurício, e firmadas por ele, foi mandando a mā o que de

se deviam pelo preço que quissem em quando quisessem. Alguma anotaram mal por não desejarem a mā Conde, do que por vontade de comprar preços. Outros porque acharam muito bem as matas de Gaspar Dias, e escaravam que o haviam matar preços, nem tinha com que os pagar, por que quem que se deviam muito a sua Exceência e fizer que lhe fazia, e a grande mā que fizessem a mā que visavam a mā Conde, do que se não desejarem a mā Conde, que se passaram oito meses, que Gaspar Dias Ferreira seu comandante do guio sobre todos os que vieram aceitando as peças e lhas a pagar, e em mil reis, e a nova mā reia cada peça, e isso com risco, e porque se não divulgasse em terra, teve Gaspar Dias contado a João Batista seu sobrinho, e Valentim Carneiro seu cunhado, e de Capitâo da mā, e mā de escravos de uma pessoa por emprego de mās meses.

Ao pri, que não se puderam vender, acertizaram manhou Gaspar Dias trazer para o engenho de sua sogra Isabell Cardoso, e para que se vendessem sem ar semido comprado com um Judeu chamado Gaspar Francisco, ajudado também do Conde de Nassau, uma partida de pescadores Aradas, Minas e Calabares, que levaram vindo da costa de África em uma patache, e as pôs a vender a mā porta na Cidade Maurícia, e com estas mandou misturar os negros Caboverdes, que lhe haviam subido e assim com este rebusco, bom e encurtado de todos, se desfez de todos elas.

(Valentim Lucideno, pág. 266).

# Fernandes Vieira

FR. MANOEL CALADO

Quis homem, que em Pernambuco como forz deles, nas quais pôs homens portugueses de confiança, para que lhe corressem com elas. E como era mal, fáci-las em favor de todos, e secraria pôs prego mais acomodado que os outros mercadores, e nesse caso em Portugal todos acudiam às suas lojas, e deu-lhe D. Reis tão boa mão clássica, e tanta ganância que em breve fez senhor de muitos amigos, e comprou o orzando em Jacobo Estacour, e outros quatro mias, e ficou senhor de cinco engenhos, os quais preparou, e pôs moentes, e correntes providos de bons lavradores, e fornecidos com muitas escravas, e com têxteis, as colas necessárias para os engenhos manterem, e com essa mercadoria não se esgotou, e lhe dava mais de oito mil escudos de prata, e com essa mercadoria que ele era o homem mais rico da terra, entre os quais bens que em bom engenho, o qual é de sua ação da companhia em virtude do salário de seus serviços, e este Jacobo Estacour para que mandou o tempo de seu dia por uma grande corrente que em João Fernandes Vieira, e grande fiducia, e verdade rinha achada, lhe díxeram que os bens em sua mão o estavam, e com plenário poder de dispor e doar, comprar, e vender, no que parecesse, e em vez que lhe dava frutas que de Pernambuco levava para Holanda, e também de seu crédito para tudo o que comprasse, para se lhe dar sobre palavras, e que todos os cristãos que ele passasse a receber, daria plena satisfação em Holanda, exigindo para isso sua pessoa, e bens. E tanta confiança fez Jacobo Estacour de João Fernandes Vieira que quando um Flamengo o catava na noite, lhe deixou um crédito feito por vise pouca, que momento de sua bens seu herdeiro podera tomar conta do ato João Fernandes Vieira, e que tudo o que dissesse em testamento de suas fazendas fosse crido, e somente se estivesse vivo que ele afirmasse, nisso de doidos, como os malfadeiros pensavam esta era sua ultima vontade.

Com este crédito, e boa amiga, e com sua honrada correspondência com todos, veio a ter tanta entusiasmo os Flamengos, que lhe eram mal afeitos, e o estimavam abominavel, conseguindo comprar muitas fazendas de toda a sorte, assim secas, como molhadas, e pôs suas lojas de negócios, assim centro no Recife,

pedem a Deus o que o escravo pôde, e assim tendo tanta interesses, e tão qualidades como são as chagas de Cristo, a Virgem e em Santa, não é possível o deixar de alcançar bom desconto, no mil de Deus, e o que diz S. Jerônimo, *Habeb* enfim interesses muitos, e ideia non poter pôr repulsam.

Sucedeu que depois que Maiestade d'El-Rei Dom João Nono, Rei d'Angola, Quarto deste nome, a quem Deus quase milho anas, para apagar da Santa Fé Católica, recebêra a Coroa, e Cetro da Monarquia do Reino de Portugal, os Holandeses a fizeram, e com muita escravaria, e fome, e destruição, as colas necessárias para os engenhos manterem, e com essa mercadoria que ele tinha mandado, e deixado de capitanias de povos, tiranicamente ocuparam o Reino de Angola; e estando depois diante deles, enquanto a causa se determinava, em paz, e bom amizade com os Portugueses, que haviam ficado em Angola retratado no exílio; uma multidão deram sobre eles, e por a cõisa de lhes rendiam suas riquezas, mataram a muitos, ainda em sangue tro, e o Governador Pedro César enturrou, e trouxeram prisão para a Cidade de Lourenço, e a todos os Portugueses que com ele estavam, assim Religiosos como Clerigos, e sacerdotes, e deixando tirar a Cidade de Lourenço no Governador preso, aos outros metaram em uma nau, e os mandaram para Pernambuco, rolos, despidos, mortos de fome, e sede, e em tal estado que os mesmos desfaziam enfermidade, e alguma em artigo de morte; e verdadeiramente que era grande lastim o vê-los em tão grande miséria e estreitura, acudindo-lhe logo alaudas moradoras de Pernambuco com um cão que o podia, este com os caníbals, aquela com os sapatos, e meias, outra com o chapéu, e roupa, com calços.

Tanto que João Fernandes Vieira soube a triste nova da chegada dos miseráveis mordados de Angola a Pernambuco, logo se partiu de sua casa e veio ao Recife com sua colada de dobrões, e patamares, e quais despendeu por os necessitados, e de sua loja mandou prover aos que vinham deinhando despidos, e sem o presses graves que ali vinham, como era Capitâo, e oficial d'El-Rei mandou-lhe para sua casa, donde os mandou curar, e os sustentou esplendidamente o dia, que em Pernambuco se

desceram, e sucedeu que estando ele para se por a cavalo para se tornar para sua casa, chegou ao Padre Frei Manuel de Salvador, um plátio, que havia ido a Angola com uma nau sua, homem bem falante e segundado porcecos, pessoas honradas, e ricas em Portugal, porém tão miserável que nela havia, e não se passaram quatro horas interras quando estando o Padre com ele praticando sobre algumas coisas de Angola, e a alegria que os Holandeses haviam feito, quando chegou um mulato à porta do Padre com um cavalo e lhe disse, O Senhor João Fernandes Vieira, meu senhor, manda este enxalo, para que eu não quebre o homem que disse de vossa Paternidade que pegou a minha.

E o Padre respondeu que o cavalo era o mesmo em que ele costumava andar.

Subiu o homem no cavalo e dirigiu à casa de João Fernandes Vieira, donde logo foi provido de vestido feito para a presente necessidade tinha chamarida alfaiates à sua casa, e ali este ancião, com outras pessoas nobres e graves, que nenhuma infâmia ocasião haviam vindo de Angola, aos quais todos mandou dar vestidos dobrados para o naminho, e para a praça pública.

Chegou o dia, em que os Holandeses decretaram que os que haviam

vindo de Angola se julgaram para a Bahia, em um patacho que que se tornaram por mar o Padre João Fernandes Vieira a matatagem, e dinheiro para quando viessem em terra, que não sussinham pedindo esmolas, e nas que quissem vir por terra, lhes mandou dar cavalos em que fossem, e encarou que os acompanhavam na jornada e a estes não empresassem, nem dades, e dinheiro para os gastos do caminho, como eles todos o disseram, e que têm corações grandes nos benefícios que se lhe fazem, e quando não, a publicidade o propagava, e o agente de João Fernandes Vieira me afirmou que nessa ocasião havia, sua grande consideração de quatro mil escudos, falando nisso esmolas que havia feito em secreto de sua mão às dos pobres, das quais ele dito agente João Bento da Silva não tinha notícia clara. Vendo o Padre Frei Manuel estas coisas, logo assentou consigo que era essa impensável não dar Deus satisfação ainda nesta vida a fale homem (conclua a página 18)



## COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇÚCAR DE PRODUÇÃO  
DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO  
DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248  
E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00

" integralizado Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301

Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luís Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Marques, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santas, Afonso Freire e Enock Maranhão.

# A morte de Calabar

FR. MANOEL CALADO

Acetaram os Holandeses o partido e posta fôda a noiva gente em alto e modo, os esquadrão, repartido por dois lados, e o Sargento Már Picardo veio saíndo, e após deles fôda, e de mais que dentro na fôra estavam com suas armas, e no final da pôrção, fôra, foram comando Manuel Carmelo de Quiróga, e outras cinco homens graves que para a tal função estavam deputados, e dentro no fortificação figuraram presos Domingos Fernandes Calabar, sem que os Holandeses fizessem muita fôra, por lhe libertar a vida dos concertos que trataram antes de se renderem (que é o pago que eles costumam a dar aos que deles se fiam, que se servem deles enquanto os fôra master, e no tempo da necessidade, e tribulação se deixam desamparados, e entragos à morte). Também prenderam a um Manuel de Crasto, homem de nascêto, o qual servia de Almoxarife ou para que melhor digamos, de Mérinho dos provimentos dos Holandeses, que lhe buscavam farinha, e vacas para se sustentarem e se fizeram cum dentro de fortificação.

Mandou o General Matias de Albuquerque assegurar os randidos entre a noiva infânciaria para os levarem entrago, como os feridos. E mandou dar os feridos Holandeses, por as causas dos moradores ali viviam, para que os curassem, os quais todos com ferimentos, uns poucos iam muito mal feridos e outros por não lhe aplicarem os medicamentos necessários, e se lhe curar a cura por falta de cirurgião, e os novos feridos, a uns levavam consigo, e a outros mandavam levar para as casas dos moradores, que dali vinham distâncias, por que se se o infilho veio com seu exército como veio os não achasse ali perto, e os matasse. E Manuel de Crasto foi condenado à morte por traidor, e o mandou o Auditor Geral entorpecer em cajueiro e sobre o Calabar se faz junta no que se havia de fazer delo. E como se havia de entender aquela promessa dos concertos, que ficaria a mercê d'El-Rei, e se resolveu em que Matias de Albuquerque representava ali a pessoa d'El-Rei, pois era seu

General naquela guerra, e exécito, e assim o General com o Auditor, o condenaram a morte enforcado, e esquartejando, por traidor, e elevados à sua pátria, e a seu Rei, o Senhor, e os soldados que com ele, e elevados a morte, que havia feito, e foi levado de se fazer, que os moradores de Pernambuco. Mandou logo Matias de Albuquerque chamar ao Padre Frei Manuel de Salvador au mato onde ele morava, que não era muito distante da fortificação, e lhe perdiu que fôsse a confessar ao Calabar, e o encaminhou a que não perdesse a alma, pois com tanta infâmia tinha perdido a vida; foi o Padre logo notado que estava preso, e lhe disse o que lhe importava para sua salvação, e que se preparasse para se confessar, como que naquele dia havia de lhe dar conta a Deus; e depois de lhe fazer algumas exortações necessárias em tal tempo, o deixou só e se sentou para a sua peleza de uma hora, para que naquele mesmo tempo se aparelhasse como convinha.

Dentro de uma hora tornou a recômigo, e das cito da manhã ate meia dia esteve com ele, e se confessou com muitas lágrimas, e com puncto de espírito, segundo confessava, e entendeu o Padre, que com muito e verdadeiro entrepidamento de seu perigo, negou o que o juiz humano podia alegar, e que, em certos apontamentos de divitos, e oportunos em que estava, e de homens que o dirigiam, o que os Calabos supriam dos Holandeses, lhe deviam de seu soldo, e de algumas peças de ouro, e prata, e alianças de seda que no Rei te tinha para que dali se pagassem algumas dividas que estava obrigado e lhe mandou que estes apontamentos entragasse a sua mãe Ana de Almeida, o qual o Padre foi pontualmente, e lhe mandou o vó-lo pelas trás horas da tarde se tornou a recomendar com as mesmas lágrimas, e mestras de arrependimento. Chegou neste tempo nônte ele estava com o Padre e Outridor João Soares de Almeida com o Escrivão Vicente Gomes da Rocha, e lhe perguntou que se sabia que al-

guna Portuguesa haviam sido traidores, e tratavam com o inimigo secretamente, levando-lhe, ou mandando-lhe aviso do que entre nos se fazia que o declarasse? Ao que ele respondeu, que muito sabia, e tinha visto nessa matéria, e que não era os mais abatidos do povo os engajados, e que romântico conselho com o Padre se o podia fazer, que ele o declararia na hora de sua morte, por que de presente não se acertava a maior tempo, que lhe restava de vida, e deixar de lhe chover seu perdão, e pedir a Deus perdão deles e unidos a si mesmos, autoras e conmunicantes, para que o Arcebispo Arizão o Padre sobre o caso a Matias de Albuquerque que de algumas coisas pesadas que o Calabar tratou com ele, que lhe diziam beber, para que dissesse no dito Matias de Albuquerque, o qual em o ouvindo mandou que não se falasse mais nessa matéria, por não se levantar alguma pecha, da qual se oculassem muitos desgostos e trabalhos; e o Padre mandou que se fosse descansar a sua casa, e que no seguinte dia tornasse logo pela manhã e lhe mandou dar um cavalo seu para ele se ir.

Tanto que apontou a noite a pos a soldadeira em ordem, e o Sargento Mor dos Italianos, Paulo Barnola, com o Probatore, e muitos ministros da Justiça, tiraram ao Calabar da prisão, e a um estrela que ali estava junto a casa lhe deram garrot, e o fizeram em quartos, os quais pisaram em cima dos pés da escadaria, que havia servido de trincheira aos Holandeses e com tanta pressa, que nem lugar lhe deram a se despedir, e podia perdi-lo nos circunstâncias, como queria, recusando de que dissesse, ou declarasse algumas coisas pesadas, o que ele não tinha intenção de fazer, segundo o havia prometido ao Padre. Morto Calabar mandou Matias de Albuquerque carregar em carros as peças de artaria, que ali achou e lhe foram esconder em um lo secretamente, para se travem a seu tempo, e em outros carros puseram as armas que haviam tomado nos rendidos, e outras virtuais, mandou tirar caixa, e marchou com todo o peso da gente da guerra para as Alagoas, com o qual se foram também alguns dos moradores daquela província, deixando suas casas e fazendas ao desamparo.

(Valeroso Lucideno, pág. 40).

# VALEROSO LVCIDENO, E TRIVMPHO DA LIBERDADE PRIMEIRA PARTE

COMPOSTA

PELO PADRE MESTRE FR. MANOEL CALADO,  
Da Ordem de São Paulo, priuado Ermitão, da Congregação dos Ermitões  
da Serra d'Offa, natural de Villa-Vicosa,  
DEDICADA



Ao Excelentíssimo Senhor  
D. THEODOSIO,  
PRINCEPE DESTE REYNO, E MONARQVIA  
de Portugal.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessárias.  
Na Officina de DOMINGOS CARNEIRO. An. 1668.

Página de título da segunda edição (1668) de "Valeroso Lucideno"

# VALEROSO LVCIDENO, E TRIVMPHO LIBERDADE PRIMEIRA PARTE COMPOSTA

PELO PADRE MESTRE FREI MANOEL CALADO  
da Ordem de São Paulo, priuado Ermitão, da Congregação dos  
Ermitões da Serra d'Offa, natural de Villa-Vicosa.

DEDICADA

AO SERENISSIMO SENHOR DOM THEODOSIO  
Rey de Portugal, & Marquês de Pernambuco.



EM LISBOA.

Comunica da Santa Inquisição, expediente de 1668.

Por Paulo Crasbeck, Impressor, & Littereiro da  
Anno de Seabord de 1668.

Página de título da primeira edição (1668) do Valeroso Lucideno"

Quem se houvesse achado na vila de Olinda, cabra da grande capitânia de Pernambuco, e des deserta da parte do Noroeste, antes que os holandeses a oculassem, e a tornasse a vêr depois que lhe entraram os holandeses, e a renderam, sem muita paraferná, em breve alçançaria, que havia sobre ela cada a varia da divina justiça; a instância dos perreiras em que estava escondida. Era aquela república antes da chegada dos Holandeses a mais diligiosa, próspera, abundante, e não sei se me adiantare muito se disse a mais rica de quantas ultramarinhinas o Reino de Portugal teve de sua coroa e estro. O ouro, e a prata era sem número, e quase não se estimava; o necessário que não havia embora para o carregar, que com entupiam cada dia, e saíram de seu peito grandes trocas de muitos navios, e caravais, e se andarem as emborações encontrando uma com outras, em tal maneira que os pilotos faziam mil milhas, e regas nos senhorios de engenho, e lavradores, para que lhe dessem suas canas, que se podia das vidas no mal que havia. As diligências de manutentimento, e leções eram todas as que se produziam astro no Reino, como nas ilhas. O fôraste, e aposta das casas era excessivo porque por mai pobre e miserável se tinha que não tinha seu serviço de prata. Os navios que vinham de áfrica, ou frotados aos diretos do Pernambuco descarraram o melhor que vinham. As mulheres andavam tão licentes, tão custosas, que não se contentavam com os tafetas, e estofados, e veludos, e outras sedas, senão que arrojavam as finas telas e ricos brocados; e eram tantas as fôrtes eram que se admiravam que pareciam elevidas em suas cabeças, e garranças, e perolas, rubis, esmeraldas e diamantes. Os homens não haviam adereços contados de espadas e adagas, nem vestidos de ricos inventos, e nem que não ornassem os banquetes quotidianos, os escaravâncias, e jogos de canas, em cada festa se ordenavam, tudo eram delícias, e não

parecia esta terra sendo um retrato do terçal paraiso.

Entrou nela o peccado, foram-se os mordidos dela, entre a muita alunaria, esquecendo de Deus, e deram entrada, as vícios, e sucedeu-lhes o que os que viviam no tempo de Noé, que os alugaram os apens do universo, que não se alugavam, e como a castidade, e a continência, e as mais cidadas címinas, que foram abusadas com fogo do céu. Desfouren-se esta terra com grande desfôr, as usuras, mordos, e ganhos, ilícitos era cada ordinária, e amarachiberao, publico, e sem medida alguma, porque o diabo fazia, suspendeu o castigo; os latrões, e roubos sem campeio de roubos, as brigas ferimidos, e mortos eram de cada dia; os estupros, e mordos era moeda corrente os jumentos, e fôrados se reparava nisso, os Cristãos novos seguiam a lei de Moisés, e mandavam muitos deles, como bens e mostraram depois que os Holandeses entravam na terra, que se circunvidaram publicamente, e se debruçaram, por Juízes; os mordos da justiça, como traziam as varas, mui despidos, como lhe punham os côncliques, e lhe punham quatro caixas de achar, bez, dobravam, e assim era a justiça das campadas; as caixas das vidas não entravam nas casas dos Advogados para se amparar, e defendem, e nem nas das Juízes para as deschapar, como era razão, ainda que uma, e muitas vezes entravam as mulheres, e faziam de por cônclique do dia entravam, que é uma das nominações que Deus antiga e estimava muito por um de seus Profeitos, um juiz de seu povo. Causa nefasta impressa non est edes. E tanto eram as injustiças que se faziam, que um homem honrado chamado Gaspar de Mendonça, senhor do engenho dos Apipucos, e sua povoaçâo, vendeu-se quase desesperado de tanta injustiça, notável que lhe fizeram, se nos nôs deu de sua nova, e a alas voou exclamou, dizendo: Ande estão os heróes da Santa Casa da Misericórdia, e os relatos das obras de caridade, e do serviço de Deus? Venham aqui

para darem repulsa a Justiça, que morreu nessa terra, e não hi quem a enterre honradamente. E o crime é estimulado desta queixa feita, em tanta causa; mandou chamar o Inácio Luís Marreiros e com ele fez um auto de afrenta, o qual predeu o sobredito Gaspar de Mendonça e castigá-lo (o qual fizera ro e se não escondera). Finalmente os deputaram tanto de fôr em fôr, que subiu de no pulpite, em um dia solento o Padre Fr. Antônio Rosa da Cruz, do Patrício S. Domingos, o qual havia vindo a Pernambuco nos Vintedos de Santo Ofício, vendo o que se passava d'esse assunto palavras. Olinda a Holanda não há ali que a mudance de um dia em fôr, a vila de Olinda se não é maior, a Olinda, e não se abrasava por holandeses, antes de muitos, porque pôs fôta a justiça de Portugal de acudir a de coto. E assim o dito Padre o amarrou assim sentado em breves dias, como no segundo capítulo se dirá.

(Valeroso Lucideno, pág. 18)

## NASSAU E AS DAMAS PERNAMBUCANAS

Conclusão da página 18

sendo poi, ou irmão, porque todos nôs não se viam assentir a isso, por que aquele fôrav que o Excelecido, que é ofício de mandar, e pôsto no intimo de seu governo, o Principé ficou satisfeito com a resposta, e honrada resposta, e se despediu nôs, tendo poi o desacho de sua polícia fôrada todo o que pesasse, e com isto se despediu, vindos os acompanhando ate o topo de um escadão, e logo passou um decreto, em como ele perdonava a morte a Dama Jerônima de Almeida, por garras, e poder que tinha de Governador, e Capitão General de Pernambuco, e das mais Capitanias conquistadas, e sujeitas aos Estados de Holanda.

(Valeroso Lucideno, pág. 133)

# Mauricio de Nassau

FR. MANOEL CALADO

Antes o Príncipe Conde de Nassau que era encarado em fabricar a sua nova Cidade, que para aterrar as moradias a fazerem casas, ele mesmo com muita curiosidade. Ele amava oceano, as medidas, e endireitava as rias para ficar a poeira mais seca, e lhe trouxe a entrar por a mão dada, por um dique, ou a água do río Capibaribe a entrar na barra, por o qual dique entraram canoas, balsas e barcas para oceano das marés por debaixo de madesa, com que se estendeu em algumas partes estendendo a moda de Holanda, de sorte que a Ilha ficava toda rodeada também ali fiz uma casa que lhe custou muitos euros, e no meio daquela areal estéril, plantou um jardim, e os castas de árvores de fruto não se Bissal, e ainda muitas de cintam de diferentes portas, cerca de muita outra terra frutificada de fora em barcos, e muito sabor de sabor, fez o lio bem acondicionando como a litorânea terra frutificada, pôs neste dia de mil exequias trazendo de outros lugares, porque os moradores, e eles lhe mandaram trazer em carros, e deles fez as carreiras compridas, e vistosas, a multidão da aldeia de Aranhas, e por outras partes muitas paixais, e canelos de hortaliças, e as flores em algumas casas de jogos, e entretenimentos, quando iam as damas, e os aterreados a passar as festas no céu, e a ter seus regalos, e fevereiros mercados e beberetes, como se fosse em Holanda, com suas acrobacias instrumentais, e o gôsto do Príncipe que todos fôssem ver suas europaletas, e ele mesmo por regalo, as acrobacias mostrando e para viver com mais alegria deixou as casas acendo incêndio, e se mazado para o seu jardim com a maior parte dos seus erros.

Também ali trazia todas as cestas de aves, e animais que podia achar, e como os moradores da terra lhe conheciam a condição e o apetite, cada um lhe trouxe a ave, cu animal exequias que podia achar no sertão, ali tanta os papagaios, as araras, os leis, os canários, os jacobins, os moitas, as galinhas de Guiné, os patos, os cães, os pavões, os perus, e galinhas grande número, tantas pombas, que não se podia contar ali tinha deves, a onça, a susurra, o tamanduá, o bicho, o qual o sagui, o apetite, as cabras do Cabo Verde os caminhos de Angola, a cutia, a paca.



ANTONIO PHILIPPE CAMARÃO

(desenho de W. Rodrigues)

a anta, o porco javali, a grande multíplice de cebolas, e hambúrguer, não havia coisa curiosa no Brasil que ali não tivesse, porque os moradores holandeses de bon vontade por a boa inclinação que viam de os farrer, e assim também lhe ajudaram a fazer as suas duas casas, nem na jardim sonde morava, como a da Boa Vista sobre o Capibaribe, nem a muitas das passavam a se recravar, porque uns lhe mandavam a madeira, outros a telha, e o tijolo, outros a cal, e finalmente todos o ajudaram no que puderam; e lhe se mostrava que não vendiam para comprimento por isso de os Portugueses que só sabem sua língua, e que só os Judeus negociavam, e se faziam ricos, levantaram um motim contra eles, e os pretendentes deletar fora da terra, o que não pudera conseguirem, porquanto os Judeus como eram muitos e estavam ricos, ajudaram lhe empresta de dinheiro com o qual untaram as mãos aos da suprema Conselho.

(Valeroso Lucideno pag. 113).

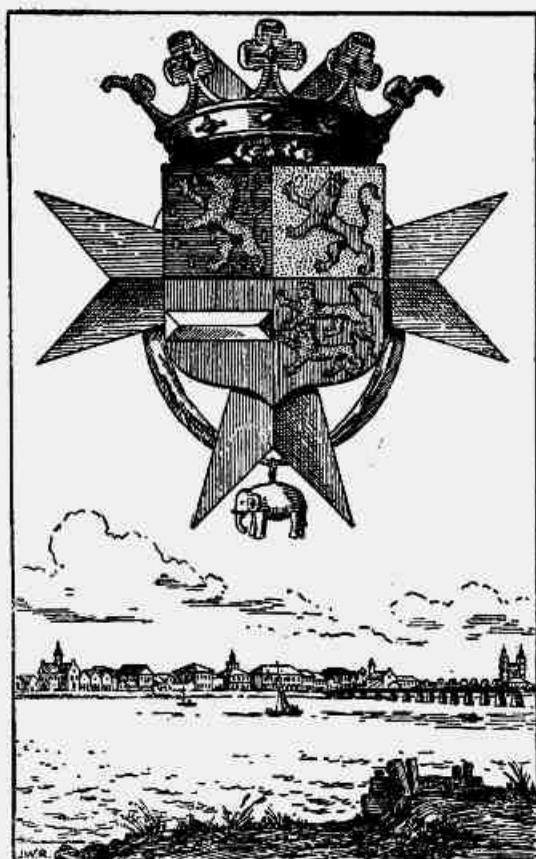
## Morte de D. Luiz de Rojas

FR. MANOEL CALADO

Estava neste tempo Pernambuco mil florente de fazendas que vinham de Holanda, e tudo era o dinheiro de prata e ouro, que ali os negros, e negras, traziam doentes nas mãos, haviam vindo com os Holandeses quando tomaram a Pernambuco ali os Judeus, os quais não traziam mais que um vestidinho roto sólido, e em breves dias se fizeram ricos com seus frutos, e traziam, o que sabia por suas parentes, que viviam em Holanda, conseguiram a via tauros, e de outras partes do Norte, cada um com suas uniformes, que em quinto dias se fizeram ricos, e holandeses porque como os negros, e os negras, eram Portugueses de nascença e haviam fugo de Portugal por temor de Santa Iniquidade, e juntamente subiu fogo a Ilha, Flamenca, serviam de línguas entre os Holandeses e Portugueses, e por esta via grangeavam dinheiro, e como os Portugueses não entendiam os Flamenques, nem os Judeus, Portugueses, e não podiam pagar suas compras e vendas, aquimiam os Judeus a mão comprando as tazendas por baixo preço, e logo aí risco, nem perdia os forneciam a vender aos Portugueses com o sambu certo seu trabalho algum; também tomaram todos os ofícios de escritórios, dados por os Flamenques, e por esta via não havia coisa de provisão que lhe não passasse por suas mãos, e assim lhes tomavam para si o que haviam de ter a ganância certa, e o de mais passavam a terecendo, e quando os Portugueses haviam de fazer algumas petições aos ministros da justiça Holandesa, ou mover alguma causa os Judeus lhadam as péticas, e eram os procuradores das causas, e vinham em conhecimento de todas as colas, e por se compravam com os Holandeses lhes descobriam todos os segredos que na

terra havia, e também nisto tinham seu gosto; duram também em dar alívio aos Holandeses para os enriquecer, e fizeram aos moradores portugueses e para os muitos casas em Flamenca, e Judeus fizeram, e a partir os mercadores Flamenques vendo que não vendiam para comprimento por isso de os Portugueses que só sabem sua língua, e que só os Judeus negociavam, e se faziam ricos, levantaram um motim contra eles, e os pretendentes deletar fora da terra, o que não pudera conseguirem, porquanto os Judeus como eram muitos e estavam ricos, ajudaram lhe empresta de dinheiro com o qual untaram as mãos aos da suprema Conselho.

(Valeroso Lucideno pag. 113).

A Cidade Mauricio e as Armas de Nassau  
(Segundo as estampas flamengas)

HENRIQUE DIAS

(desenho de W. Rodrigues)

## Justiça Holandesa

conclusão da página 13)

lhe receber petição, e as petições e ações que faziam, forçavam e para as lhe deferir se haviam de levar escritas em língua Flamenca, e para isso impondo que os mais dos ministros entendiam e falavam a língua Portuguesa, tinha ordinado certos ofícios, os quais traduziam as petições dos Portugueses em Flamenca, e levavam por cada uma uma patana; e logo lhe os gastos tão excessivos que se um Português queria cobrar de outro dos cruzados que lhe devia, primeiro lhe havia de gastar vinte, e que devia gastava quarenta, porém há de se advertir, que o devedor, se dos dez cruzados que devia, dava de

peça cinco aos Holandeses, logo se lhe dava absolvição plenária, e assim muitos deixavam perder suas dívidas, por não gastarem muito mais, que o

que se lhes devia, e no fim das demandas salam com todas as custas

(Valeroso Lucideno, pag. 309).

# Por causa do "Casimiro de Abreu" de Nilo Bruzzi

O livro do escritor Nilo Bruzzi sobre Casimiro de Abreu tem provocado as mais rumorosas manifestações, tanto nos meios literários, como até mesmo em assembléas políticas.

Houve já entrevistas acaloradas discussões acasas, trocas até de desafios. Na Assembleia Fluminense, o deputado Moacyr da Paula Lobo, como relator da Comissão de Educação, deu um notável parecer favorável ao trabalho, parecer que foi aprovado. Por causa de uma referência feita por aquele deputado o Sr. Carlos Mauá escreveu-lhe uma carta a qual teve resposta inclusa. Essa correspondência é que passamos a publicar.

Rio, 27-11-49. Exmo. Sr. Deputado Mauá: Na meu livro "Casimiro de Abreu, poeta do amor" publicado em 1938, no enredo do príncipe centenário do nascimento do extraordinário cantor das "Primaveras", e declarava-se insatisfatório com o seu conteúdo, pois este lhe deu ideia de causa apressada. Devo informar a V. Ex.º que se trata não de biografia com a profundidade de pesquisas que trabalho dessa natureza impõe a quem a tanto se abalancar, mas apenas de confidência de penegriças para um ato comemorativo na Academia Fluminense de Letras. Não seria, evidentemente, essa a fonte indicada para a sua sede de novidades no capítulo das virtudes casimirianas, muito embora eu esboce o perfil do poeta nas suas linhas dominantes do bom filho, de patriota extremado e de católico temente a Deus. O Casimiro-humano que se conhece e perturba, é um adolescente que viveu vida intelectual fugaz e intensamente e passou da juventude a morte numa trajetória que não ultrapassou um lustro. Disse triste no meu escrito com a sintese indispensável a sua forma convencional, unicamente pre-ocupada

com o trazer a dura fisionomia do vato em apreço. Não veja, portanto motivo para que entre num jogo de confrontos o que produzi com intenção definida e forá da atmosfera carregada em que se traz o atul debate. Mas, como o parecer de V. Ex.º me envolve no assunto, desço desaparcebido. Admito-se, somente para argumentar, que a obra do sr. Nilo Bruzzi esteja certa. Nessa suposição pergunto: é tarefa de um governo, a custa das cofres públicos, fomentar a difusão de um livro cujo texto viciado, evidentemente a destruir a figura moral de um indivíduo que, pelo que deixou da si impresso, se tornou alvo da admiração de contemporâneos e posteriores? Verdadeiro que fosse tudo o que ali se afirma ou insinua, seria justo e razoável que o Estado pagasse a alguém a denuncia de uma criatura que oferecesse os melhores exemplos a juventude?

Teríamos, desse modo, dois Casimiros: aquele que aprendemos a conhecer e a amar através os seus versos, puro, ingênuo, nobre, elevado e o outro, o homem-prisão defetivo que não se revela na poesia e desaparece na poesia do tumulto. Sem dúvida, o que se queria dizer contra o que morreu não pode matar o que sobrevive em beleza nas páginas de vénio legadas à posteridade. Esse, suponho, deveria ser o critério de julgamento da Assembleia Legislativa no caso em questão.

Subscrivo-me de V. Ex.º administrador e patriota

(as) Carlos Mauá

A resposta do deputado Moacyr da Paula Lobo

Niterói, 8 de dezembro de 1949. Exmo. Sr. Carlos Mauá: Atenciosos cumprimentos. Antes de mais nada, quero lhe assegurar que se conhece e perturba, é um adolescente que viveu vida intelectual fugaz e intensamente e passou da juventude a morte numa trajetória que não ultrapassou um lustro. Disse triste no meu escrito com a sintese indispensável a sua forma convencional, unicamente pre-ocupada

com a invenção ignorante.

A minha responsabilidade de relator do projeto cresce em consequência do desenrolar das acontecimentos.

Constantemente o meu colega Alberto Torres solicitava-me a parceria.

Responda sempre que estava entretida ao estudo da matéria. Certa dia, falando-o a propósito, deputado deputado, informou que lhe pôs a inclusão do projeto de decreto de Montezuma na paula dos trabalhos, em regime de urgência.

Apressei assim, a confirmação do parecer que confessei: não é des nobreza, levando-se em conta a importância de mesmo e os apreciados dotes literários do relator.

Conversando com um amigo a propósito do caso, logo no inicio da contenda, e explicando a minha dificuldade quanto a dados referentes à personalidade de Casimiro de Abreu, encorajou-me a leitura do livro de V. Ex.º, como um trabalho capaz de orientar-me, dizendo que o mesmo havia saído à luta por ocasião das comemorações do centenário do poeta.

Concluiu assim, o meu amigo, a proposta de uso, logo no inicio da contenda, e explicando a minha dificuldade quanto a dados referentes à personalidade de Casimiro de Abreu, encorajou-me a leitura do livro de V. Ex.º, como um trabalho capaz de orientar-me, dizendo que o mesmo havia saído à luta por ocasião das comemorações do centenário do poeta.

Excreveu:

— Memórias diárias de la guerra de Brasil, por discurso de meus anos empregando desde 1630. Escritas por Duarte de Albuquerque Coelho.

Nasceu em Lisboa, a 22 de dezembro de 1639, e era filho de Jorgs de Albuquerque Coelho. Foi o 4º d'atártio de Pernambuco. Lutou contra os holandeses, em Pernambuco e na Bahia. Residiu na Espanha, e foi ali que redigiu as suas *Memórias*. Saída a edição, foi em grande parte

surpreendida pelo governo espanhol, o que a tornou muito rara. Faleceu em Madrid, a 24 de setembro de 1688.

Excreveu:

— Memórias diárias de la guerra de Brasil, por discurso de meus anos empregando desde 1630. Escritas por Duarte de Albuquerque Coelho.



Venda de escravos na época de Nassau

Marquês de Bento, Conde i Senhor de Pernambuco, i de las vilas de Olinda, San Francisco, etc. — Madrid, DD. de la Carrera, 1654. In 4º. 8-287 paga.

— Esta traduzida:

Memórias diárias da guerra do Brasil, por espaço de 9 anos, começando em 1639, desfazidas da que escrever o Marquês de Bento, Senhor de Pernambuco — R.º de Janeiro — 1655 — 170 págs. — É feita em colaboração com Melo Moraes e Inácio Acioli.

Diz José Honório Rodrigues sobre esta tradução: "E indica-se o apreço pelos seus erros e omissões". (História e Bibliografia de Domínio Holandês no Brasil, pág. 223).

— Memórias Diárias da Guerra do Brasil — 1639-1652. — Recife, 1944 (Secretaria do Interior) XXIV — 330 páginas.

Trata-se de uma nota explicativa, assinada por Arlindo Tenório Vanderlei, que era no tempo diretor da Secretaria do Interior de Pernambuco.

## RAPAR DE JESUS

Nasceu em Guimarães, Portugal, em 1614, e foi beneditino. Teve os cargos de procurador e abade em vários mosteiros da Ordem. Por várias vezes nomeado cronista-mor do Reino. Faleceu no convento de S. Bento de Lisboa, a 23 de dezembro de 1669.

Deixou três volumes de Sermões (1674, 1688 e 1690); e mais:

— *Castrioto Lusitano* — Parte 1º. Entrepesso de motivos e Restauração de Pernambuco e das capitâncias confluentes, códigos e belicosos sucessos entre portugueses e belgas, acontecidos pelo discurso de 24 anos, e tiradas das notícias, relações e memórias certas, oferecidas a João Fernandes Vieira. Castrioto Lusitano, Lisboa, por Antônio Crascheck da Melo, 1679. Foi, com o retrato de João Fernandes Vieira.

— *Castrioto Lusitano, ou história da guerra entre o Brasil e a Holanda, durante os anos de 1624 a 1654*, ter-

(Conclui na página 21).

Seu grato à atenção que teve escrevendo-me e, desse modo, estabeleceu-se encontro para um explicação com referência à minha conduta nessa rumorosa causa em que se contendeu o Sr. Nilo de Freitas Bruzzi e a Academia Fluminense de Letras, episódio que vem apimentando uns e outros, criando, como diz, essa "atmosfera corregada em que se trava o atul debate".

Pode o distinto patriota estar certo de que não conhecia coisa alguma de Casimiro, a não ser o que a tradição da sua transmitem e que foi repetido no seu livro.

Na Comissão de Educação e Saúde da Assembleia Legislativa sou um dos mais humildes representantes. Com a responsabilidade da imprensa imposta pelos meus pares, procuro sempre, corresponder à confiança depositada no meu nome, estudando os assuntos antes de elaborar qualquer parecer. Ai estão os "Anais" para uma comprovação segura de que afirmo.

A proposta do deputado Bezerra de Menezes tomou rumo com a célebre levantada, onde a Academia é parte desfavorável, investigando o trabalho do sr. Nilo Bruzzi como homoclasta. Apaixonou, por sua vez, os deputados Alberto Torres e Afonso Celso, transportando-se o debate para as colunas dos jornais e revistas da capital do país em reportagens com certo saber de sensacionalismo, empolgando, também, a opinião pública, como inquieto ignorante.

A minha responsabilidade de relator do projeto cresce em consequência do desenrolar das acontecimentos.

Constantemente o meu colega Alberto Torres solicitava-me a parceria. Responda sempre que estava entretida ao estudo da matéria.

Certa dia, falando-o a propósito, deputado deputado, informou que lhe pôs a inclusão do projeto de decreto de Montezuma na paula dos trabalhos, em regime de urgência.

Apressei assim, a confirmação do parecer que confessei: não é des nobreza, levando-se em conta a importância de mesmo e os apreciados dotes literários do relator.

Conversando com um amigo a propósito do caso, logo no inicio da contenda, e explicando a minha dificuldade quanto a dados referentes à personalidade de Casimiro de Abreu, encorajou-me a leitura do livro de V. Ex.º, como um trabalho capaz de orientar-me, dizendo que o mesmo havia saído à luta por ocasião das comemorações do centenário do poeta.

Excreveu:

— Memórias diárias de la guerra de Brasil, por discurso de meus anos empregando desde 1630. Escritas por Duarte de Albuquerque Coelho.

em 1939, editado pelo governo fluminense e premiado com Crs. 30.000,00 (trinta mil cruzados) pelo mesmo governo.

Ignorava ser o trabalho do previo patriota apenas, um panegírico, um discurso e não uma biografia, como acreditava na carta que me enviou.

Procurava eu, de fato, "uma fonte que satisfizesse a minha sede de novidades no capítulo das virtudes casimirianas".

Em quem não tem essa sede? Creio, mesmo, que até V. Ex.º a possui, dado o empenho que vem demonstrando na sua obra que se fere na imprensa do país, onde o ilustre acadêmico se bate com dedicação na investigação da verdade sobre Casimiro.

Alvare Linha, uma das expressões da crítica contemporânea mostrou em um de seus ensaios, que o licenciado em direito que se tornou alvo da imprensa do país, onde o ilustre acadêmico se bate com dedicação na investigação da verdade sobre Casimiro.

Podia, realmente, surpreendendo com o trabalho de V. Ex.º e tal, naturalmente se ter concluído sobre o mesmo como sendo uma obra apressada.

Desde que declarou que foi, apesar de um discurso, um panegírico e não uma biografia, que se escreveu o mesmo com intenção definida, nela mal é justo que fazer sentido autor de V. Ex.º.

Assevera V. Ex.º que "não é tarefa de um governo a custa dos cofres públicos, fomentar a difusão de um livro cujo texto viciado, evidentemente a destruir a figura moral de um indivíduo que, pelo que deixou da si impresso, se tornou alvo da admiração de contemporâneos e posteriores".

Assevera V. Ex.º que "não é tarefa de um governo a custa dos cofres públicos, fomentar a difusão de um livro cujo texto viciado, evidentemente a destruir a figura moral de um indivíduo que, pelo que deixou da si impresso, se tornou alvo da admiração de contemporâneos e posteriores".

Discordo e me explico.

Afirma Sainte-Beuve que "a verdade sobre os homens como sobre as coisas é difícil de ser esclarecida, uma vez encontrada não é mais difícil de ser conservada". Certamente se referia Sainte-Beuve à verdade que não está sujeita a uma priva objetiva.

No caso Casimiro a verdade está, precisamente, dentro do conceito objetivo porque as provas são evidentes. Documentos não mentem.

E precia também, que se leve em consideração o conceito atual da biografia.

Mais vale ao escritor a vida de Byron, no prefácio, está a observação:

"Uma vida de Byron não é um estudo crítico sobre o valor poético, cuja sobre a infinitude de Byron".

Neste ponto é que V. Ex.º está errado e não se acha concorde com o que tem tratado do assunto.

Hoje em dia o conceito de biografia muita se modificou. Não ignora V. Ex.º, talvez, que a chamada "biografia moderna" ou "romântica" venceu em nossos dias. Esse gênero de literatura triunfou de tal maneira

que Humberto de Campos chegou a declarar ser "um dos gêneros intelectuais mais primitivos da cultura contemporânea" no mundo das letras".

Alvare Linha, uma das expressões da crítica contemporânea mostrou em um de seus ensaios, que o licenciado em direito que se tornou alvo da imprensa do país, onde o ilustre acadêmico se bate com dedicação na investigação da verdade, da exatidão e da justiça.

Quem faz crítica não pode deixar de ser moralmente imperativo.

E é, justamente, a verdade que me preocupa, todos, no momento.

Será incapaz de falsificá-la, e como relator, procurei investigá-la, para que seja sempre alvo de meu parecer.

Li o trabalho do Sr. Nilo Bruzzi e confrontei o seu documento com o meu. Igualmente, como a devoção aérea de Alberto Torres e Afonso Celso, naturalmente, com a devoção aérea de Alberto Torres e Afonso Celso.

Deveas leituras acostumadas, pratica de penetrar no emaranhado de contradições e dos complexos de Casimiro para tirar alguma coisa que defenda de fato a verdadeira alma da poesia de "As Primaveras" e pudeira exercer o meu juizo imparcial.

Os preceitos, V. Ex.º sabe, se tornam contra-producentes nas investigações, o que leva a ver em causa unilateralmente. Foi o que aconteceu a Academia, que se paga unilateralmente à tradição.

O crítico, por sua vez, não pode ter.

Certamente, o ilustre patriota não desenhava o episódio daí principi Napoléon que contradizia o "Napoléon" escrito por Taunay. Lembrar a propósito, escreveu: "Napoléon é muito maior no livro do seu distintivo do que no do seu apelido". Portanto o Casimiro do Sr. Nilo Bruzzi não é grande? Que mal existe em se dizer algo da sua conduta privada?

Para Jacobsen, esse admirável autor de *Nels Lyrne*, "o homem é um misto de perfeções e imperfeições, de bem e de mal, de bala e ferida, mas todo ele — por mais mesmo a ferida — tem qualche coisa de nobre, tem qualche coisa de nobre, de maldade, vistos de um ponto de vista, tem qualche coisa de nobre, de maldade — é infinitamente nobre".

E precia que se saiba que o biógrafo moderno tem por obrigação examinar todas as faces e particularidades da vida e da alma do biografado e não como entrou se faz, em que se estabelece um homem, localizando, apenas, as suas virtudes. Hoje

(Continua na página 21)

## AÇUCAR DIAMANTE

O MAIS PURO  
O MAIS ALVO  
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de Melhoramentos  
em Pernambuco

ESCRITÓRIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257  
RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO  
PERNAMBUCO

# Correspondência de João Ribeiro

# Olhos verdes

CARTA DE JOÃO RIBEIRO A  
JOSE VERISSIMO

I

Amigo de José Verissimo

Sabido de neste momento, receber  
o convite para representar o  
Comitê Nacional (Externato) na  
reunião que se propõe fazer no  
Palácio Vice-Presidência da República.  
Quero obter o seu consentimento  
para que se trate de um  
convite seu. Mas a verdade é que a  
maneira não passa de um  
convite ao Manifesto, que não passa de  
um texto aprovado agora para  
o uso do antigo e vergonhoso  
convite dos outros tempos.

Sabido que sou republicano e  
que em *entreposto* se assim se pode  
dizer do meu espírito de Jacobino  
e minha fidelidade de militarista.  
Talvez se a dizer-lhe que me  
encontro muito mal, procurando, entre  
os jurídicos, o velho nome  
de outre mas de intrusamente  
só meu partido.

Um grande admirador e respeitoso

João Ribeiro

20 de abril de 1904.

II

6 de novembro de 1902.

Meu caro J. Verissimo  
O que não posso fazer é discutir na  
reunião que vão fazer a E. Zola. Como  
é que V. se encontra com o dr.  
Bragança? Mais frequentemente  
que em peço V. desculpar-me dessa  
meia-torda recusa.

Há quanto tempo não o vejo.  
Amanhã sábado estarei por aqui e  
vou encontrá-lo. Adieu e despa-  
nha com sempre de

Seu admirador e amigo

João Ribeiro

III

25 de abril de 1909.

Caro colega e amigo José Verissimo  
Com estas linhas venho pedir-lhe  
que se interesse por um dos candidatos  
ao concurso em que V. é 1º colocado, na  
Biblioteca Nacional. Trata-se do  
Sr. Antônio Cabral, sobrinho do saudoso  
Valde Cabeiro e que é já empregado  
na Biblioteca onde tem nome  
no funcionários muito distinto e  
zeloso. Acredito que V. receberá com  
simpatia esta recomendação sem prejuízo  
dos seus sentimentos de justiça. Tinha  
de dizer a todos os res-  
pontos muito digno de tua proteção.  
E seu colega e amigo

João Ribeiro

A LUCIO DE MENDONÇA

I

10 de agosto de 1894

Lucio

O que Felisbelo me disse:

Que o Cassiano, em tempo, es-  
creveu-me uma carta oficial recomen-  
dando a necessidade de consolidar as  
vias, e lembrando seu nome.

Que você (V. e o Reginho) apre-  
sentaram aquela pedido que foi aci-  
teneu a laços a portaria que  
foi assinada.

Depois de tudo liso, o Felisbelo  
disse que as escrituras a despesa  
(10.000\$) pelo Ministério da Justiça  
e para isso solicitei aviso nesse  
dia do Cassiano.

O Cassiano organou-se e declarou  
por carta que só não era de grati-  
tude, convinha em que se fizesse a  
consolidação; com despesas, não  
autorizaria nada. (O Felisbelo mostrou  
me a carta do Cassiano).

Por isso, inutilizou-se a portaria  
e não se tratou mais do assunto visto  
que só o Ministério da Justiça é  
que deve fazer a dita consolidação  
desse laço.

De seu amigo velho

João Ribeiro

Rio, 7 de agosto de 1894

A questão, pois, é que a despesa  
deve correr pelo Ministério da Justiça  
e que o Felisbelo quer e o Cas-  
siano não quer.

II

25 de maio de 1895

Estou e a todos os seus filhinhos  
Fico que te interesses por mim  
junto ao Presidente pelo seu valor,  
(e manha) ou mesmo junto ao G2  
(o ministro) ou Carlos do Carvalho  
— a um de obterem-me uma  
consolidação qualquer que: consolidação, no-  
menciono... qualquer coisa, em fin.

Preciso de Berlin por muito tempo.  
Isso aqui é a Meia de Maio com  
cana e faria e cetera... (Le fui  
dans les mets...).

Pretendo fazer vir para cá mulher  
e filhos adorados de quem tenho mor-  
tals saudades e não o poderei fazer  
por que os meus poucos recursos.

Mostre essa carta ao Araripé, e  
conceda-me a favor para mim o que  
estiver na fibra do velho caboclo,  
serviço, porém não-mando Jacobino.

Quem é que é da Semana?

Não a recebo nunca.

Terá morrido?

Todas as cartas que manda daqui  
mande para a Semana que não diri-  
gidas a qualquer do *Bond*.

Adieu.

Abraço no velho amigo

Endereço: Tannenstrasse, 5

III

Caro Lúcio

Berlim, 4 de agosto de 1906

Sauda aos teus filhinhos

Recebi tua carta há poucos dias e  
logo depois o ofício do Ministro,  
Agradecendo-te muito tua carta e o  
tu em Hugo Teixeira Ribeiro o inter-  
esse que tomaste pelo meu pedido.

Pretendo aqui demorar-me um  
ano inteiro. Quero voltar alemão e  
disciplinado. Vocês todos são amar-  
tidos, exceto quando chegarão a  
Lusthaus, unico santo de juizo que  
mostram. Portugal é o único inimigo  
da nossa literatura, e o maior da  
nossa política consciente ou inconsci-  
entemente; mas, por ignorância,  
porque esse aspecto é vulgar e  
vulgar.

Não tenho prevenção nenhuma  
contra o velho, que kerou o Brasil  
e que está hoje a bela-mor coberto  
de... e de inglesa.

O Valentim deve ser enfocado, so-  
menos em elogio e numa sessão do  
Robelais. A História de Portugal  
é tão grande que todo esse esforço da  
*Repub* é esta preparado  
para se lhe dar a arbitragem. Não  
pode haver boirinha mais ignorântia,  
nem servilismo tão grande quanto dos  
tugueses.

E o tal novo irmão, o querido? E  
talvez o Brasil o erre para arbitragem!  
Escrevi ontem uma carta no Max;  
é comum comunicar o que lá é.

Resolvi fazer com que minha fa-  
mília venha para Berlim. Aqui podere-  
mos viver perfeitamente bem; mo-  
desta mas confortavelmente. A vida  
é aqui muito barata.

Adieu. Da lembrança a todos as  
seus amigos e um abraço do

João Ribeiro

Amizade escreverá ao Araripé.

IV

Hanover, 15 de outubro de 1906.

Caro Lúcio

Sauda, crianças e respeitosos cumprimentos.

Devo tua carta em que me partici-  
pares o recrutamento de mais um filha  
no 2º série — pelo que te felicito

muito.

Ca estou em 1º série ainda, porém  
não matrato.

Adieu para a resposta à tua carta  
que alguma dasas para responder  
ao pr. de fute que tens mais uma  
gentil ciúmidia — Vera, que nasceu  
contigo e que é uma lindesa! Parece-  
se como...

Eu fiz isto infelizmente as tuas  
cartas e tal porque não tenho a  
Gazeta, mas as entrevoi: estou de  
arrependimento e a cabido nos entrela-  
ciados do J. do C., unica filha que  
cheque aqui.

Pelas respectas do Cedário avalei  
o que não teria dito.

Crivo que continuarei aqui por mais  
um ano em ouro ou quem sabe? três...

Recomendações de minha Bra-  
ma para sua, e para ti.

A tua exma sra. de minhas sauda-  
ções e felicitações.

E tu da-me um

Abraço afetuoso do

João Ribeiro

Meu verdadeiro endereço é  
Berlim, — Turbin str. 5.

V

(Postal)

Lucio

Há seis mil anos que não leio uma  
linha tua. Para tanto deslouga-se  
só de Eva. Já te comuniquei que  
vou dirigir aqui o *Novo Mundo* por  
impulso de alguns microcosmos que  
trouxe da *Semana*, e que obrigam a  
fazer folha literária.

Pedir o teu romance que não é  
conhecido como deve ser é que quero  
publicar na folha. Eu tinha um  
exemplar que trouxe com os outros  
meus livros no Brasil no caixão —  
tão poucos inacessíveis.

Manda-me versos, manda o que  
quiseres, exceto política e assuntos  
de tribunais.

O agente do *Novo Mundo* é o Vila  
Neiva R. do Rosário.

O Max é o meu agente literário —  
bom emprego que lhe arranjei: agente  
Adieu. Adieu.

João Ribeiro

Berlim, 14 de dezembro de 1905.

Hannoverstrasse, 1 — 1 Treppen

VI

Exm. Sr. dr. Lúcio de Mendonça  
A V. Ex.º cumprimento e pede o  
próximo eleição de membro da Acadê-  
mica Brasileira de Letras.

João Ribeiro

Rio, 4 de maio de 1888.

VII

Rio, 12 de outubro de 1903

Para Lúcio

Deixei na casa Rembrandt (rua  
G. Dorn) uma pequena paisagem que  
lhe ofereço.

Pague a moldura.

Do seu

João Ribeiro

A GRACA ARANHA

I

Paris, 19 de junho de 1901

Caro amigo Graca Aranha

Sauda e tua excelente amizade

Estou ainda aqui e estarei talvez  
até o dia 22. Por prestez, porém,  
peço que mande todas as minhas

cartas sob envelope novo, para o  
Brasil (rua do Oriente 8) porque é  
possível (pouco provável) que parte  
no vapor de 20; em todo o caso no  
dia 25 ou 26.

Festive ontem todo dia com o  
meu amigo e jantamos juntos  
e guardo dele sempre a impressão que  
é um homem de grande cultura  
e que é sempre agradável conversar  
com ele.

Meu amigo que é muito  
saudoso das minhas amizades

Responda assim da impressão do  
livro que separarei para meu

amigo e que é muito bom.

Um abraço de um grande  
amigo que é sempre agradável

Adieu. Até o Brasil!

Recebi o livro do Domício que  
foi apenas o prólogo, que é  
uma tímida coisa que ilustra  
o meu trabalho.

Quando o Domício, que é  
o meu amigo, que é um grande  
escritor, que é um grande  
pessoal, que é um grande

escritor, que é um grande

# BERNARDO VIEIRA RAVASCO

Nasceu na cidade da Bahia, em 1617, e era filho de Cristóvão Vieira Ravasco e de d. Maria de Asyredo. E o irmão mais moço do celebre Padre Antônio Vieira.

Estudaram juntos os dois irmãos no Colégio dos Jesuítas da Bahia. Seguiu Bernardo a carreira das armas. Em 1638, ao ser alaudado o Brasil pelo Príncipe Maurício de Nassau tomou parte na luta contra os holandeses. Em Iaparica, na batalha contra as forças do general Sigmund von Schopf, foi ferido, e, em consequência, reformado. Em recompensa aos seus serviços, deu-lhe o governo a nomeação de secretário de Estado da Guerra no Brasil e o título de comendador da Ordem de Cristo.

Em 1651, embora já afastado do serviço ativo, tornou a entrar na luta tomado, devido de terrível tempestade, uma fragil canoa, rara e sozinha ao mestre de campo Nicolau Arcin. Evitou assim que quatro naufragos holandeses se apoderassem de engenhos.

Dezenas de seus biógrafos quase foi alcaide-mor de Cabo Frio.

Na Bahia entrou em luta com o governador geral Antônio de Sousa Meneses, que o prendeu sob a acusação de que Bernardo pretendia assassiná-lo. O acusado conseguiu, afinal, provar sua inocência sendo demitido o acusador.

Faleceu em 20 de julho de 1697, dois dias depois de Antônio Vieira.

Escreveu:

— *Poemas portugueses e castelhanos*. — 4 vols.

Foram publicadas muitas delas, em numerosas de revistas ou em coleções de poesias, como a *Frente Renascentista*, *Antologia Brasileira*, de Persira da Silva, etc.

Descreveu topografia, eclesiástica, civil e natural do Estado do Brasil.

É um manuscrito a que Barbosa Machado trouxe grandes louvores.

Discursou político sobre a neutralidade da coroa de Portugal nas guerras, presentes das coroas de Espanha e sobre os danos que da neutralidade podem resultar a esta coroa e o como se devem e podem obter.

Pronto em 18 de junho de 1692.

Na exposição de história portuguesa, feita na B. Nacionais em 1681, foi exhibida por d. Antônio R. de Carvalho uma cópia moderna, in-fol., de 13 páginas. Fazia com o n. 5.845.

Num Catalogo de Exposição, de Ramalho Galvão.

— Remédios políticos, como que se extrairão os danos que no discurso antecedente se propõem. Bahia —

— Idem, de 16 folhas, pertencente ao Instituto Histórico — Fazia no Catalogo de Ramalho Galvão sob o número 5.846.

Como poeta, Bernardo Vieira Ravasco tinha sua preferência pela medição, e não estariam longe de colocá-lo em sua poesia nos começos de uma luta que qual havia de vir a replanear com uma luta inconfundível Raimundo Corrêa. A maneira de apresentação dessa tonalidade, como quer

## FONTES SOBRE BERNARDO VIEIRA RAVASCO

ARTUR MOTA — *História da Literatura Brasileira*, 1 vol. pag. 477.

BANDEIRA MACHADO — *Biblioteca Lusitana*, 1 tomo.

BANDEIRA (J.) — *Literatura Brasileira*, 134.

BENTO MURILA — *Antologia Baiana — Ia Renascentista* (Bahia) 13-12-1894.

CHICHOSA DA GAMA — *Miniaturas Biográficas*, pag. 17.

CHICHOSA DA GAMA — *Breve dic. de autores clássicos*.

FERDINANDO DENIS — *Resumos de l'histoire du Portugal et du Brésil*. *Jurnal do Brasil*, 6-1-1920.

JOSÉ VASCONCELOS — *História da Literatura Brasileira*, pag. 66.

PEREIRA DA SILVA — *Os vadios ilustres do Brasil*, 2º vol.

PEREIRA DA SILVA — *Farnaso Brasileiro*, item preliminar.

RAMALHO GALVÃO — *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, 1º vol.

5.845 e 5.846 (Anais da Biblioteca Nacional).

SACRAMENTO BLAKE — *Dicionário biográfico*, primeiro volume.

VELHO SOBRINHO — *Dicionário biográfico*, 2º volume.

WOLF (F.) — *Litterature Brasileira* (Renner), 19.

que seja filosófica, ao seu estilo, aqui insiro um dos seus trabalhos mais característicos — um soneto seguido de glosa.

## SONETO

Breves horas de meu contentamento.

Nunca me pareceu, quando vos tinha.

Que vos visei mudadas tão admira.

Estes tão cumpridos anos de tormento.

As nubladas horas que fundei no vento.

O Vento as levou, que os sustinham.

Do mal, que me trouxe, a culpa é minha.

Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras aparece.

Tudo possível far, tudo assegura.

Ah triste fado! Ah triste desventura!

Por um pequeno bem que desfaz.

Aventurar um bem que sempre dura.

## OITAVAS GLOZADAS AO SONETO

Esperei e esperava e morte amargue,

E só fôrça de paixão ainda se abriu.

Em cura ausencia o luto prende corga,

Que no nome de amor se torna leve;

Nunca me pareceu, que de tão larga

Esperança trazesse um bão tão breve.

Pois foram as que se foram, como o vento,

Breves horas de meu contentamento.

São os gostos de amor imaginados.

Mas grandes amores e ficam mal pequenos,

Quando por tempo vêm a ser gozados.

Porque costuma o bem ver sempre meus;

Nunca me pareceu, gostos passados,

Que assim vos acasassei, pelo menos

Que vos mudassem em desgraça minha.

Nunca me pareceu quando vos tinham.

Nunca me pareceu, gôstos passados,

Que passassei com o bem que vov seguiu

Com suspiros e alegria com camadas

Lângimas que nos chova vio canto;

Nunca me pareceu arrebatadas

Hora causa do mal, que estou sentindo.

No tempo, em que com ter-vos me mantinha

Que vos visse mudadas tão amiga.

Nunca me pareceu, que tanta glória

Se convertesse em mal, e que eu o vira;

Deixar meus gostos fui, a dista fôrça;

Se perdes com elas a memória

Não me lembram mais, não o sentira;

Mas ficou-me com elas o sentimento,

Em tão compridos anos de tormento.

Nunca me pareceu, que me custasse

Tanto alcançar-vos e depois de ter-vos

Nunca recio, que chegará

Com o tempo varia o tempo de perder-vos;

Cuidai que tanto bem nunca acabasse,

Não soube no princípio conhecer-vos.

Mil lágrimas me custa um desengano,

As noivas tórras, que fundei no vento.

Quanto fingo, a tudo assegura,

De nata me tem, vendo-me posso

Aonde em quanto a aliança se elevava

Dava nata de bem, de glória e gesto,

Mas quanto mais a vida se empregava

Na falsa luz do sol, o vi transpor;

Que as falsas causas desta glória minha

O vento se levou, que as malinha.

Mil noites pedrei de ausência dura

Por um só dia, que amanheceu,

Logo o sombra senti da noite escura,

Quando veio antes de tempo anoteciões;

Quando tarde chega um bem, quão pouco dura

A vista de meu mal vos predece;

E poi não vi o mal, que depois vinha

Do mal, que me trouxe, a culpa e minha.

A culpa minha é, e bem poderá.

Outar do breve tempo a brevidade;

Pel breve aqui, se outra tal vira,

Próxera do passado a saudade;

Tão amado do bom fiquei, que deixa,

Se minha fôr, minha liberdade

Pelo tornar a ver, mas brado as vento;

Pelo sobre coisas vãs fiz fundamento.

Que amor acende, e já aceso apura,

De que me desengana um acidente;

Que se perde o bem se sente o dano,

Se não se perde a vida juntamente;

Mas queria bem quem não quer o desengano,

Não há mal maior, que o bem, que é aparente

E se é mal grande o mal, que bem parece.

Amor com falsas mostras aparece.

Seu amor aonde me guava,

Mostrou-me não sei que, que ainda desejo;

Mas se era ergo, como me mostrava,

Ou como entro mal via o que era vejo!

Vi, e não vi o mal, que me esperava,

Pois quem vai levado de um desejo

Que amor acende, e já aceso apura,

Tudo possível faz, tudo assegura,

Tudo assegura, tudo fazinha,

Impossível por propria natureza;

Com vozes inúteis a rindo nas grita,

Não queremos ouvir, depois nos pesa;

Esperança adoramos infinita,

Não quis que por seguir a falsa empreza

Que um desejo de berta nos oferece,

Mas sempre no melhor desaparece,

Já passaram por mim estas verdades,

Mas ainda não saudade deles;

Não sei que força este é ter saudades

De celas, que não me para que te-las?

Sai o pleno dentro as tempestades

E logo torna a dar ao vento as velas;

Deixando pelo mar, terra segura;

Ah triste fado! Ah grave desventura!

Nesta tristeza da vangloria humana

Nunca entra o bem; o mal sempre é figura;

E só com isto enfim nos desengana,

Que um voluntário mal nunca tem cura;

Quem nos leva traz si, quem nos engana

A aventurar o bem, que se aventura.

Se amor é o menor mal, a que se oferece

Por um pequeno bem, que desfaz;

Por um pequeno bem, que vem agudo,

Por tão pequeno bem, que logo morre,

Aventurar um bem, que aventurado

Por tantos passos temos riscos corre;

Por louco o pensamento, mas forçado.

Um pensamento meu, que não se corre,

Por glória, que não tem glória segura,

Aventurar um bem, que sempre dura!

## BANCO DO BRASIL S. A.

1808 — 1949

Sede — Rua 1.º de Março, n.º 66, Rio de Janeiro (DF)

### TAXAS DE DEPÓSITOS

Depósitos sem limite	2 % a.a.
Depósitos populares:	
Límite de Cr\$ 10.000,00	4 1/2 % "
Depósitos limitados:	
Límite de Cr\$ 50.000,00	4 % "
Límite de Cr\$ 100.000,00	3 1/4 % "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4 % "
Por 12 meses	5 % "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3 1/2 % "
Por 12 meses	4 1/2 % "
Depósitos de aviso prévio:	
30 dias	3 1/2 % "
60 dias	4 % "
90 dias	4 1/2 % "
Letras a prêmio (sólo proporcional)	
Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.	

O Banco faz todas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc., e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua 1.º de Março n.º 66, mais as seguintes:

Bandeira, Rua Maria e Barros n.º 44 — Botafogo, Rua Voluntários da Pátria n.º 44 — Campo Grande, Rua Campo Grande n.º 100 — Copacabana, Avenida Nossa Senhora da Copacabana n.º 1.292 — Glória, Rua do Catete n.º 238-A — Manguinhos, Rua Carvalho de Sousa n.º 299 — Méier, Avenida Amaro Cavalcanti n.º 85 — Ramos, Rua Leopoldina Rego n.º 78 — São Cristóvão, Rua Figueira de Melo n.º 360 (esquina da Rua S. Cristóvão) — Saúde, Rua do Livramento n.º 63 — Tijuca, Rua General Roca n.º 661 — Tijuadeira, Avenida Gomes Freire n.º 30/22.

Além das operações normais, a Agência Metropolitana oferece, mediante débito automático instalado na referida Agência, a Metropolitana, que guarda de valores (titulos, jóias, etc.) em casa forte dotada de moderno equipamento.

Gloria está habilitada a



# Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea

## Segunda Serie — Prosa — XXVIII — Ribeiro Couto

Rui Ribeiro Couto, nascido em Santo André, São Paulo, em 12 de março de 1888, filho de José de Almeida Couto e de Nísia Lopes Ribeiro, de família baniana, pelo lado paterno e portuguesa pelo lado materno. Fez os estudos primários e os secundários na cidade natal, começando a publicar versos aos 15 anos. Em 1914 ganhava um prêmio municipal de poesia, num concurso realizado em Santos. Seu soneto premiado — "Hino à Glória" — apareceu na "Polianca" dos Jogos Florais de Santos". Em 1915 foi estudar Direito em São Paulo, e, para auxiliar os estudos, se fez revisor do "Jornal do Comércio" e do "Correio Paulistano", chegando a ser redator desse último. Neste mesmo ano ganhou um concurso de poesia, intitulado pela "Cintra", Buchanan, ouça pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, em 1919.

Entreando-se à vida de imprensa desce as bairros acadêmicos, "abandonou um 'Nôit', na 'Época', na 'Rua', na 'Gazeta de Notícias', na 'Pátria', na 'América Brasileira' (revista de que foi secretário), na

"Jornal do Brasil". Foi um dos fundadores de "A Manhã", e nela dirigiu com grande proficiência o suplemento mensal "Pensamento da América". Foi promotor público nos Estados de Minas e São Paulo, entre os anos de 1923 e 1928. Neste último ano regressou na carreira diplomática, que tinha abandonado desde 1923. Foi servido por Marcellin, Paris, Hala e na Secretaria de Estado, passando dai para o gabinete do Ministro do Exterior, onde serviu dois anos.

Por Decreto de abril de 1943, foi nomeado primeiro secretário da Embaixada brasileira em Lisboa. Por Decreto de 1945, foi promovido a Ministro.

Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 28 de março de 1934, na sucessão de Constantino Alves. Em 1945, juntamente com Pedro Calmon e Olegário Mariano, compôs o Comitê em Academia Brasileira de Letras, queultimo o acerto ortográfico com a Academia das Ciências de Lisboa.

Serve atualmente como Ministro do Brasil na Iugoslávia.

## Nota Bibliográfica sobre Ribeiro Couto

*Jardim das Confidências (Versos)* — Monteiro Lobato e Cia. Editoras — São Paulo, 1921. 138 págs.  
Teve segunda edição em Poesia, terceira edição em *Dia Longo*.  
— *Nossas páginas*. 3 vols. 1921. Foi representado no Triâno.  
— *A Cadeia do Gato Cimaseu (Contos)*.  
— *O Crime do Estudante Bettina (Contos)*. Monteiro Lobato e Cia. — São Paulo, 1922. 212 págs.  
— *Paesões de Ternura e de Melancolia (Versos)*. Monteiro Lobato e Cia. — São Paulo, 1924. 112 págs.  
Teve segunda edição em *Poesia*, terceira em *Dia Longo*.  
— *A Cidade do Pão e da Graça (Vaquejamento pelo Rio nortino)* — Benjamin Constant e Miovalo — Rio, 1924. 197 págs.  
— *Um homem na multidão (Poemas — Depoimentos)*. Livraria Odemar — Rio, 1928. 81 págs. Segunda edição em *Dia Longo*.  
— *Bahianinho e outras matinhas (Contos)* — Antônio do Brasil — Rio, 1927. 232 págs.  
2.º edição: *Civilização Brasileira* S. A. — Rio, 1933. 246 págs. Este livro obteve o prêmio da Academia Brasileira de Letras em 1928.  
— *Cartas de Amor — Correspondência Nacional*. S. Paulo, 193. 8. 21 págs. 2.ª edição em *Dia Longo*.  
— *Curto (Romance)* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1931. 229 págs.  
— *Editora de S. Paulo* — Schmidt, Editor — Rio, 1932. 68 págs.  
— *Noite e outros poemas do Brasil* 1933. 83 págs.  
2.ª edição em *Dia Longo*.

— *Clube das Espousas Espanholas* — Contos — Schmidt, Editor — Rio, 1933. 204 págs.  
— *Correspondência de família* — 1933. Colaboração com Adolfo Casais Monteiro. Prefácio de José Osório de Oliveira.  
2.ª edição em *Dia Longo*.  
— *Fraterna* — (Poemas) — Edições Presente — Coimbra, 193. Capa e Ilustrações de Soárez Cosm.  
2.ª edição em *Dia Longo*.  
— *Presente da Santa Teresinha — Civilização Brasileira* S. A. — Rio, 1934. 181 págs. — Ilustrações de O. Portinari.  
— *Ensino de Constantino Alves — Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras* — Rio, 1934. 48 págs.  
— *Poésia — Civilização Brasileira* S. A. — Rio, 1934. 221 págs.  
Inclui *Jardim das Confidências e Paesões de Ternura e de melancolia*.  
— *Chão de França*, 1935.  
— *Conversa Inocente* — (Crônicas) Schmidt, Editor. Rio, 1935. 246 págs.  
— *Enfance* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.  
— *Une Sainte parmi nous*. Par Edouard Estienne, de l'Académie Française. Ribeiro-Couto, de l'Académie Brésilienne; D. Lajoinie-Lavastine, de l'Académie de Médecine; Stanislas Punkt, G. Thibou, Claude Siva, Jean Carr, J. Malègue, J. Madame, Renée Zelik, René Dumeril, Lidaless Meiss, P. Lancky, Daniel Rops — *Présences* — Libraria Flora — Paris, 1937.

O trabalho de Ribeiro Couto — *Présence de la Petite Thérèse* — val a pag. 231 a final.

— *Concionário de D. Afonso* — Lisboa, 1939. 83 págs.

2.ª edição em *Dia Longo*.  
— *Nuit Propre* — Traduzido do Português por Jean Durian. Prefácio de Ventura García Calderón. *Les Mairées Étrangères — Nouvelles Editions Latines* — Fernand Sorbier — Paris — 1939. 223 págs.

É uma seleção de contos de vários países.

— *Prima Belinha (Romance)* — Civilização Brasileira S. A. — Rio, 1940.

— *Largo da Matriz e outras histórias (contos)* — Getúlio Costa, Editor — Rio, 1940. 227 págs.

— *Canções do Ausente*. Livraria Martins. São Paulo, 1943.

2.ª edição em *Dia Longo*.

— *Dia Longo (Poemas Ecológicas)* — 1915-1943. Portugal Editora — Lisboa, 194. 333 págs.

Inclui *Jardim das Confidências, Paesões de Ternura e de Melancolia, Um homem da multidão, O Chão da Montanha, João José do Rio, Câncer de Amor, Propriá, Nordeste e outros poemas do Brasil, Correspondência de Família, Concionário de D. Afonso, Cancionário do Ausente*.

— *Uma cidade antiga do Brasil*. Ouro Preto. Fotografias de Germano Krull. Prefácio de Rui Lobo e Ribeiro Couto — Edições Atlântico — Sociedade Brasileira do Secretariado de Propaganda Nacional. Lisboa, 1943.

— *O Frade Tazman, mestre de Brasília* — Separata de revista de cultura "Aventuras" n.º 5 — Lisboa, 1944. 7 págs.

— *Santos Veraneio* — 1943. É uma coleção de poemas do autor, traduzidos para o húngaro por Paulo Ronai.

— *Afonso Casais Monteiro — A Poesia de Ribeiro Couto* — Edições Presente, Lisboa, 1935. 44 págs.

— *Realidade e Espírito do Brasil Republicano* — Separata de Ocidente — Lisboa — 1941.

— *O problema da nacionalização (Introdução a um relatório)* — Separata da "Revista de Imigração e Colonização" — 1941.

— *Academia Brasileira — Discurso de posse de Manuel Bandeira e Resposta de Ribeiro Couto* — Rio — 1941.

— Dr. Jacques Stephan — *Guia do Tabucuçu e do Pratinho* — Trad. de — Clá. Editora Nacional — São Paulo.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Purius — Les Cahiers du Sud-Marcelle, 1937. 55 págs.

— *Epifânia* — Traduzido do Português por Jean Puri

## Diário de amôr de um moço delicado

Por a minha vez de apertar-lhe as pontas dos dedos, com força...

Um brinde avou-nos à Central. No meio do brinde o embargue tomou-nos e fomos que devia deixar-nos no Stanley, lá a lado, os meus olhos deu-lhe o respiro de uma felicidade dura, de como um leve sorriso durasse, quando que o trem correu pelo planalto piofrante.

No Sampaio saltamos. Ela disse:

— Aqui o senhor fica esperando o trem que irá para a cidade. Não quer que vá até perto de casa.

Despediu-se delicado e não insistiu mais, os olhos negros nos cumprimentaram:

— Não sei porque o encontrei!

— Adeus.

— Quando o dia deixava o trânsito — malhado, dava-me uma volta pelo Sampaio, deslumbrado vitrines. Estava caminhando e faltava pouco.

— Nossas rotas são duas: habilitar-nos no clube ou subvir, talvez mais longe, para a parte o Engenho Novo. O que habilitava muito são certas modalidades de tiro, para a sala de visitas e o cinema. Porque em modo de tiro tudo é leve e claro, entre as tradições que se enfraternal pelos caras-menos floridos, aromandos a noite-trançada:

— Sua vergonha, que é isso? Quem é esse sujeito? Compreendo aquela a pulsera e colar.

— Parei, com o sangue gelado nas veias. Ela apercebeu-a a ponta dos dedos, surpreendendo, com o seu modo habitual de exprimir uma solidariedade terna. Pulsei-a e colar? Eu não deixa a Olímpia nem colar, nem pulseira. Seria outro, sim. Traia-me! Olímpia traia-me!

— Vamos, faça o favor de entrar. O senhor também.

Entrei, seguido de Olímpia e da velha. Entrei todo, completamente tonto. Entrei-me numa sala de visitas pobre, com um sofa de palhinha rus-

ta, quando ela deixava o trânsito.

— O senhor não quer também estes cravos?

— Não queria. Bastaíram as rosas. O que eu queria, principalmente, era guardar comigo a lembrança daquele céu, daquelas rosas mansas, daquelas montanhas. No religo da estação eram três horas. O ponteiro marcava o tempo, ingenuamente. O mundo que eu vivia era eterno.

— Fique também com estes cravos...

— Vou com os cravos, e fiquei com tudo que me rodeava, e fiquei impregnado de uma paz sem limites.

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

# João Luso Um Livro de Umberto Peregrino

Palmeu nessa cidade no dia 6 de janeiro o escritor João Luso, antigo redator do *Jornal do Comércio* e membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

João Luso representava uma nobre e fulgida tradição literária. Trabalhou mais de 18 anos sua atividade jornalística, ele a prolongou vivamente até aos seus 75 anos que foi a idade com que faleceu. Nesse longo exercício da pena, versou numerosos gêneros: o conto, a crítica, o teatro, a meditação filosófica, o diálogo, a memória, o discurso acadêmico. Muita sobretudo como cronista — e principalmente nos seus excelentes roteiros *Domésticos* do *Jornal do Comércio* que ele se firmou, que ele se tornou credor do amor dos belos escritores.

A Academia Brasileira de Letras chamou-o — 22 de dezembro de 1922 — para um dos seus *fauteuils* extranjeros fazendo sucessor de Jaime de Sequeira. Junimendes, como Serafim Lobo, ele como que representava na Igreja corporação brasileira das deidades laico cultural que prende o nômade pôr as suas velhas origens lusitanas.

João Luso — Armando Erce de Pugueiro — nasceu em Loulé, distrito de Coimbra, em 12 de junho de 1875, e era filho de Joaquim José Erce e D. Maria da Piedade de Figueiredo Erce. De 1887 a 1892 fez o curso de Preparatórios do Liceu de Coimbra. Veleu para o Brasil em janeiro de 1893, dirigindo-se para São Paulo, onde ingressou na carreira comercial. Em 1894, já sob o pseudônimo de João Luso, estreou-se no *Diário Popular*, de São Paulo, colaborando exclusivamente literariamente, feita nos curtos lazeres da vida comercial, então leitura ótima. Depois escreveu contos e crônicas para o *Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Reptor*, *Revista Literária*, *Paulicéa*, etc. Em 1898 entrou definitivamente para o jornalismo, como secretário do *Diário de Santos*. Veleu para o Rio de Janeiro em 1900, e alguns meses depois foi feito secretário da *Imprensa*, de Paul Barbosa (segunda fase). Em 1901 entrou para o *Jornal do Comércio*, como repórter policial. Em 15 de setembro do mesmo ano publicou o primeiro folhetim "Dominical".

Em 1911 foi representante no Teatro Municipal do Rio de Janeiro a peça de sua autoria *No Cego*, premiada pela Academia Brasileira de Letras em concurso aberto entre escritores bra-

sileiros ou residentes no Brasil há mais de dez anos. O original dessa peça, cuja edição fora adquirida pela Casa Gardner, extravaram-se em Paris ou em Viena, durante a Guerra de Guerra.

Entrou para a *Revista da Semana* em 1929. Colabora a "Notícias", desde 1932. Membro da Associação Brasileira de Imprensa do Sindicato de Jornalistas Profissionais, da P.E.M. Clube do Brasil, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e da Sociedade Brasileira de Críticos Teatrais. Em 1939, requereu e obteve o título honorário dos direitos de cidadão brasileiro ("Tarefas e realizações do SAPS").

Possuia as seguintes condecorações: Oficializado da Ordem de Santiago da Espada, Portugal.

Comendado da Ordem do Cruzeiro do Sul, Brasil.

Além da pseudônimo de João Luso, Armando Erce usou vários outros: como *Clara Lúcia* e *Leopoldo Muia*.

Bibliografia de João Luso: "Contos da minha terra", 1899.

"Prosa", 1904.

"Histórias da vida", 1907.

"O amor, tragédia e farsa", 1907.

"Ao sol e à neve", 1908.

"Elegias", 1918.

"As entrevistas de Expedito Faro", 1917.

"Comédia urbana", 1920.

"Reflexo do Rio", 1923.

"Os Mineiros de Haddock Lobo", 1925.

"O desempenadeiro", 1925.

"Contos de Natal", 1.ª ed., 1930.

"Viajar", 1932.

"Terras do Brasil", 1933.

"Arte da cidade", 1935.

"Alegria e ternura", 1935.

"Os animais, nossos irmãos", 1937.

"Vocês, criminosos", 1938.

"Assim falou Felidoro", 1941.

"Orações e palesstras", 1941.

"Prato de tempo", Editora A Noite — 1945.

Além desses livros tem feito dezenas de traduções e outros trabalhos de teatro.

Traduções assinadas:

"Jesus Cristo", de Monsenhor Bougaud, 1906.

"Fábulas do meu Jardim", de Georges Duhamel, 1927.

## ADORMECIDA

CASTRO ALVES

ses longos cheveux épars le couvrent tout entier.  
Le crois de son œilier repose dans sa main,  
comme pour témoigner qu'il a fait sa prière,  
Et qu'elle va le faire en s'éveillant demain.

A. de Massal.

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia  
Numa rede encostada molemente...  
Quase aberto o roupão, solto o cabelo.  
E o po descalço do tapete rente.

Stava aberta a janela. Um cheiro agreste  
Exhalavam as silvas da campina...  
E ao longe, num pedaço do horizonte,  
Vin-se a noite praeida e divina.

De um jasmimero os galhos encurvados,  
Indiscretos entravam pela sala,  
E de leve oscilando ao tom das auras,  
Iam na face trémulo — beijá-la.

Era um quadro celeste... A cada afago  
Mesmo em sonhos a moça estremecia...  
Quando ela se serenava... a flor beijava-a...  
Quando ela ia beijá-la... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante  
Brincavam duas cíndidas crianças...  
A brisa, que agitava as folhas verdes,  
Fazia-lhe ondular as negras tranças!

E o ramo ora chegava, ora afastava-se...  
Mas quando a via despertada a meio,  
Pra não zanga-la... sacudia alegre  
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia  
Naquela noite lânguida e sentida:  
— O flor! — tu és a virgem das campinas!  
— Virgem! tu és a flor de minha vida!...

Umberto Peregrino, brilhante escritor, já largamente conhecido do público carioca através de freqüente colaboração que tem oferecido ao *Brasil* — por junta — enriquecendo a sua bibliografia com o volume que instituiu *Um mês do problema alimentar brasileiro (Tarefas e realizações do SAPS)*.

Trata-se de uma coletânea de discursos, nos quais ele expõe a sua atuação à frente do *SAPS*, desde que para ali entrou, em abril de 1947, até os dias atuais.

Nesses dez anos é muito de atividade, teve Umberto Peregrino ocasião de construir bela obra, como o vemos exposto nas palavras em que ele reúne seu amor ao trabalho, a sinceridade de sua orientação, o desejo que o anima sempre de ver uma obra tão larga e tão meritória, como é a da SAPS, atingir os seus destinos mais vadiados.

Como amostra do livro de Umberto Peregrino, aqui transcrevemos algumas das mais felizes pérolas deste seu Livro: "Palavras de Fé" — oração particular preferida num ato de confraternização dos seus companheiros de trabalho.

### PALAVRAS DE Fé

(Palavras proferidas por ocasião do ato de confraternização de 1 de junho de 1949 no Restaurante da Catedral).

Daí da confraternização universal. Quem tem alguma parcela da responsabilidade na direção de grupos humanos, deve valorizar dessa data de tão alto e generoso sentido para aproximar o seu grupo.

Impossívelmente de reunir todos os que trabalham no *SAPS*, arrebatados por haver fazer de maneira simbólica a nossa festa de confraternização, confrangendo em torno dessa mesa a alta administração dessa Instituição e os elementos mais significativos do trabalho das nossas Restaurantes. E aqui estão os Inspetores da Secção Técnica, os administradores de Restaurantes, as nutricionistas, os representantes dos engajados de copa e cozinha, dos transportes do serviço de rádio.

Tendo bem presente que o *SAPS* desenvolve várias outras importantes atividades, como sejam a dos Postos de Subsistência a dos Cursos Técnicos, a do Sitor de Visitas.

Contudo, a verdade é que a atividade dos Restaurantes é que é a atividade básica do *SAPS*, tanto pelo volume, como pela considerável, como pelo valor qualitativo. Basta refi-

irmos em que através dos Restaurantes se efetuam as duas primordiais atribuições do *SAPS*: a assistência e a educação alimentares. Vem o reflexo soberano que os Restaurantes exercem na vida do *SAPS*.

O *SAPS* é o que são os seus Restaurantes. O conceito deles é o da entidade. Tudo no *SAPS* existe para os Restaurantes. A Subsistência, a Secção Técnica, a Engenharia, a Secção de Administração, enfim todos os órgãos.

Permitam-me que recorde agora, em canto salvo que reproduz para os funcionários do *SAPS* por ocasião da minha passagem, a história daqueles homens que trabalhavam num pequeno, restando pedras para construir de uma catedral.

Um deles perguntando sobre o que fazia respondeu prontamente:

— Eu ganho o meu pão.

O segundo, à mesma pergunta, respondeu:

— Não ve, quebro pedras me acaba aqui, de minha a noite.

O último se exprimiu cheio de entusiasmo:

— Eu construo uma catedral.

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

### ASSINATURAS

Assinatura anual com registro ..... Cr\$ 43,00

### FASCÍCULOS AVULSOS:

Dos volumes da 1.ª fase (I a VIII) ..... Cr\$ 50,00

Do volume IX ..... Cr\$ 5,00

Do volume X ..... Cr\$ 4,00

Brochura do volume IX ..... Cr\$ 100,00

### NUMEROS ATRASADOS

— Avenida Almirante Barroso nº 72, 13.º andar — Telefone 22-9081, ramal 9. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

### Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

## GALERIA SOTERO COSMES



N.º 3 — CAVALO